ípsilon

EXCLUSIVO EXPOSIÇÃO

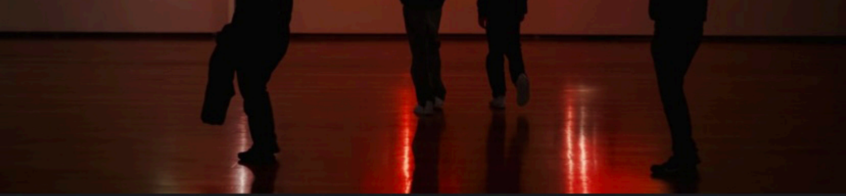
O navio de possibilidades de Mariana Caló e Francisco Queimadela

No Porto, uma exposição de luz e sombra, fixação e movimento, revelações e ocultações.

Constança Babo

4 de Dezembro de 2025, 14:33

VER GALERIA



“Ao culto, ao desconhecido, a uma energia das coisas que são indescritíveis” vão buscar material para o que depois emerge sob a forma de flores fantasma, mimos invertidos e cianotipias que se confundem com processos digitais. Com Mariana Caló e Francisco Queimadela, a Galeria Municipal do Porto torna-se vermelha, invadida e habitada por objectos, seres, imagens e formas.

Com um notável domínio técnico e uma rara sensibilidade, Caló (Viana do Castelo, 1984) e Queimadela (Coimbra, 1985) serão dos artistas mais interessantes e singulares do actual contexto nacional, autores de peças complexas, sensoriais e imersivas. Uma exposição da dupla é sempre única e distinta. A sua obra está em permanente evolução, transformando-se de acordo com os diferentes espaços e contextos, sejam aqueles que lhe dão origem ou aqueles em que se instala e exibe, em modo *site-specific*. Tudo isto está na exposição *Estado de Espírito*, inaugurada em Novembro, na Galeria Municipal do Porto, com curadoria de João Laia.

Celebram-se os 15 anos de trabalho conjunto de Caló e Queimadela, durante os quais os artistas exploraram diversas plásticas e técnicas, destacando-se o filme e o vídeo, analógicos e digitais, a fotografia, o desenho, a pintura e a escultura. "Vamos migrando entre práticas e entre formas", dizem ao Ípsilon. "A nossa ideia foi essa multiplicidade e, ao mesmo tempo, criar uma exposição que reúne trabalhos que foram feitos ao longo do tempo, e que, embora com uma ideia comum, correspondem a diferentes momentos."

O trabalho artístico da dupla parece nascer de um insaciável interesse pela experimentação de diferentes disciplinas, materializado sob a forma de inúmeros objectos e cenários, e consolidado numa obra extensa e diversa.

Plurais, multidisciplinares, completos, os artistas mantêm, porém, uma estética própria, transversal a todo o seu trabalho. A obra de Caló e Queimadela é tão heterogénea quanto coerente e nela se reconhece a sua autoria. É, aliás, esta articulação entre o múltiplo e o complexo e o singular e o acessível que contribui para afirmar o valor da dupla de artistas. A nível expositivo, o resultado é idêntico: as suas exposições são tão estimulantes e desafiantes quanto ordenadas e harmoniosas.

Estado de Espírito, ou, como também nos propõe Queimadela, "Estados de Espírito", opera entre claro e escuro, luz e sombra, reflexos e transparências. Confluem nela o biológico e o orgânico com o técnico e o geométrico, e o pictórico bidimensional com o escultórico tridimensional.

A exposição actua e desdobra-se em consonância com o espaço, sobretudo com a profundidade da Galeria Municipal do Porto, que Caló descreve como "alta e funda", como tendo "qualquer coisa de navio". Entrar na exposição é como que embarcar rumo a um outro espaço, a um outro lugar, profundo, vermelho e misterioso– dá-se uma ruptura com o real, com tudo o que há para além da galeria. No entanto, a realidade e a actualidade estão presentes nas obras, nomeadamente na exploração da cultura nacional, o que também auxilia na nossa aproximação e compreensão do complexo trabalho dos artistas.

EXCLUSIVO

A vida como obra de arte no Porto/Post/Doc

LER MAIS

Serve de exemplo a instalação multicanal na qual se projectam diferentes imagens da Queima do Galheiro, ritual antigo e popular próprio da época do Carnaval, na freguesia de Fradelos, em Vila Nova de Famalicão. A estrutura da obra, composta por diferentes ecrãs, já fora utilizada numa ocasião anterior, no Centro Internacional das Artes José de Guimarães, para a exibição de outros filmes que integram a mesma série, *Sinais de Fumo*. Os vídeos são registos dos diferentes momentos do processo da celebração, desde a recolha do galho à construção das imponentes pilhas de mato e silvas, e à sua destruição.

A obra traduz princípios da comunidade e do colectivo, ao mesmo tempo que convoca o imaginário ancestral e a utilização do fogo como forma de comunicação. Como se explica no texto que acompanha a exposição, a instalação apresenta um "atlas de imagens e movimento, formando um aparato discursivo onde diferentes temporalidades e territórios se cruzam".

Memória e seda

Outro filme exibido destaca-se. *Subir e Sumir*, produzido em 2022, é composto por magníficos registos de paisagens e vivências, captados durante o confinamento da pandemia de covid-19. Cumpre-se, com esta peça, o desígnio do vídeo: o congelamento do tempo por meio da sua fixação em imagem.

A memória e a sua preservação são, aliás, questões centrais para os artistas, sendo justamente por aí que se inicia a exposição, com uma *Sala da memória para Corpo Radial*, uma caixa de luz de madeira, coberta por painéis de seda pintados à mão. Tendo como ponto de partida as gravuras dos “Teatros de Memória”, de Robert Fludd (1574-1637), a obra remete para a "arte da memória", ou a mnemotécnica, concebida na Grécia Antiga enquanto técnica da retórica para, por meio da associação mental entre lugares e imagens, auxiliar o discurso.

É esta ideia que os artistas materializam, à qual dão fisicalidade, por meio de uma construção arquitectónica. Foi também com esta obra que os artistas inauguraram o uso da seda (“material que nos tem animado muito”) e que ressurge no final da exposição. Porque “as coisas estão em contínuo”, explica Queimadela, recuperaram o “dispositivo de projecção da seda”, que têm vindo a utilizar noutros trabalhos, e assim estabelecem “este ciclo, entre aquela primeira peça e esta mais recente".

Essa última obra, *Adoração ao Sol*, criada este ano, é composta por 14 painéis tingidos e pintados com formas semicirculares. A composição que se observa, de frente para a instalação, resulta da sequência de duas camadas (uma amarela e uma vermelha), das suas transparências e sobreposições. Nos jogos de luz intervêm espelhos, lanternas e motores rotativos, e as imagens "surgem como uma dança de cor e de abstracção", ficando o espaço "imerso pela cor e pela luz". Na medida em que a obra se encontra reflectida na parede da galeria, exerce-se o seu desdobramento e a sua multiplicação, reforçando-se, também aqui, a ideia de continuidade. É uma peça em contínua transformação.

A ideia de *continuum* está repetidamente presente no trabalho dos artistas, desde um dos seus primeiros projectos, *Gradações de Tempo sobre um Plano* (2010). Assim acontece, na exposição *Estado de Espírito*, em *Fio Condutor*, onde um fio gravita, continuamente, repetidamente, sob um círculo branco, gerando desenhos circulares. É essa uma das peças, ou capítulos, como prefere nomear Queimadela, desse projecto que foi fundamental para a dupla, funcionando como uma "mecânica libertadora que estabeleceu um nexo" para o seu trabalho.

Em vez de tentar descrever de forma taxativa a exposição de Caló e Queimadela, tanto quanto qualquer peça dos próprios artistas, importa antes reconhecer as referências e as intenções que as sustentam e que compõem cada peça. Deverá receber-se *Estado de Espírito* com abertura ao “acontecimento”, pedem os artistas, à experiência e à interpretação, “sendo a partir daí, dessa liberdade, que surge a obra”.

★★★★☆

Estado de Espírito

Autoria: Mariana Caló e Francisco Queimadela
PORTO. Galeria Municipal do Porto, Rua D. Manuel II, Jardins do Palácio de Cristal
Terça a domingo, 10h-18h.
Até 2 de Fevereiro de 2026